



Vacinação em crianças e Adolescentes

Academia Mineira de Pediatria

Embora o número de estudos científicos sobre a vacinação para Covid-19 em crianças e adolescentes seja muito inferior aos já publicados em adultos e idosos, existe uma tendência forte na literatura científica para considerar que a eficácia da vacina produzida pela Pfizer-BioNTech (Comirnaty) é muito alta em crianças e adolescentes, sendo possível que o título médio de anticorpos neutralizantes em crianças e adolescentes ultrapasse os valores atingidos em adultos e idosos. Os estudos epidemiológicos de proteção contra a infecção pelo Sars-Cov-2 ou estudos clínicos que comprovem cabalmente a proteção contra formas graves da Covid-19 ainda são limitados, pois exigem número elevado de participantes e tempo mais prolongado de observação desde o início da vacinação nesse grupo etário.

Os estudos já publicados com a aplicação de outras vacinas ainda não estão disponíveis. Por isso, as agências reguladoras em vários países do mundo, inclusive a ANVISA no Brasil, só autorizam a utilização da vacina Comirnaty para crianças e adolescentes.

Os efeitos colaterais da referida vacina nesse grupo etário parecem não diferir daqueles observados em adultos: dor no local da injeção e sintomas “gripais” leves. Os dados atualmente disponíveis indicam, entretanto, que acometimento cardíaco (pericardite e miocardite), por mecanismos ainda desconhecidos e em incidência menor do que a observada em pacientes que sofrem a infecção natural, é mais frequente em adolescentes e adultos jovens do sexo masculino. A lesão cardíaca não é grave na maioria dos casos e responde satisfatoriamente a terapêuticas atualmente disponíveis. Ressalte-se que, como referente aos dados de eficácia, o número de crianças e adolescentes já imunizados no mundo ainda é insuficiente para conclusões mais sólidas sobre efeitos colaterais, embora os dados disponíveis indiquem que a incidência seja realmente baixa.

Conquanto crianças e adolescentes que contraiam a infecção pelo Sars-Cov-2 tenham a frequência e a gravidade da Covid-19 muito inferiores a adultos e idosos, a vacinação anti-Covid-19, segundo nossa avaliação e a de numerosos estudiosos do assunto, justifica-se porque a razão benefício/risco é muito elevada por benefícios no nível individual e coletivo. No primeiro, evitam-se casos graves e óbitos, raros mas existentes e que carregam impacto emocional e social de grande vulto. Além disso, essa faixa etária é especialmente suscetível à síndrome inflamatória multissistêmica e, não se sabe em que



frequência, à chamada “covid longa”. No nível coletivo, a vacinação de crianças e adolescentes aumenta a proteção contra a doença em adultos idosos e nos que possuem fatores de risco para doença mais grave. Igualmente importante, torna muito mais seguro, tanto para estudantes como para educadores, o retorno pleno a aulas presenciais, indispensável após mais de 18 meses de pandemia.

Na situação específica do Brasil, onde ainda persiste carência de produtos imunizantes por atraso indesculpável na aquisição dos mesmos pelo governo federal, coloca-se a questão de priorizar ou não, nesse momento, a dose de reforço para grupos especialmente vulneráveis como idosos e, mais recentemente, profissionais de saúde, pois já se atingiu o prazo de seis meses da última dose aplicada, situação em que a maioria dos estudos sugere queda significativa da imunidade anti-Sars-Cov-2. A solução apropriada e óbvia para esse dilema seria aumentar imediatamente a quantidade de produtos imunológicos a serem aplicados e vacinar crianças e adolescentes, bem como os grupos vulneráveis já citados. Enquanto isso não ocorre, temos que confiar em decisões das autoridades sanitárias que sejam baseadas nas evidências científicas disponíveis e a serem publicadas, e que visem ao maior benefício da sociedade, tendo em conta as especificidades epidemiológicas de estados e municípios.